

Estava eu a passear num campo cheio de flores, girassóis altos e amarelos, onde havia um sol lindo, brilhante.

Cheguei perto de uma árvore alta, acredito eu ser uma laranjeira com as suas lindas flores, ainda sem laranjas.

Ao longe vi uma luz forte, cegava-me, não conseguia ver nada, apenas me parecia uma sombra, um vulto, parecia-me um anjo.

- Um anjo, anjos não existem! Estou a ficar maluca. – Pensei eu.

Mesmo sem ver, andei um pouco mais em frente em direção à luz, de repente, a luz apagou e uma voz familiar ouvi:

- Joana, sou eu a avó.

- AVÓ! - gritei pois não sabia de onde vinha a voz.

De repente corri, corri muito e parei nos braços. Ai aquele abraço! Como eu tinha saudades! Aquele cheiro que eu tanto gosto...

Depois de um tempo, afastei-me daquele abraço e perguntei:

- Avó, onde tu moras agora, já estiveste com o teu marido?

- Sim, minha querida neta, durmo sempre com ele.

- Avó, não que comeces com as tuas histórias.

Eu conhecendo a minha avó como conheço, já sabia que vinham aí histórias engraçadas que não eram para a minha idade, mas eram elas que me fazia rir as gargalhas, onde passei longas horas a ouvir como se mais nada existisse.

Passado um tempo virei-me para a ela e disse:

-Avó, para, já não aguento mais de tanto rir.

Ela riu, mas riu feliz, riu como eu acho que nunca a tinha ouvido rir. Ai que riso, que saudades.

Ela pegou na minha mão e disse:

- Joana, sabes que mesmo longe nunca me vou esquecer de tudo que passamos juntas, das nossas idas ao rio, das vezes que tu cozinhavas para mim.

- Lembra-se das vezes que eu cozinhei para si aquelas sardinhas? Sabe do que eu tenho saudades que a avó me faça? Aquela omelete que só a avó sabia fazer, com ovo, salsa e cebola, mas que delicia de omelete! Tenho saudades.

De repente ouvi-a a cantar:

Tenho um preto na minha gaveta,

Não sei que lhe faça,

Não sei que lhe meta,

dou-lhe um pau diz que é mau,  
Dou-lhe um osso diz que é grosso,  
Dou-lhe um chouriço,  
ISSO, ISSO.

Ao fim de ela cantar, uma luz forte apareceu novamente. Aí, soube que chegou a hora de lhe dizer mais uma vez adeus.

Adeus, que eu sabia que não era um adeus para sempre. Ela nunca me vai deixar, mesmo longe, perto do marido, do filho, ela estará sempre perto de mim. O sorriso dela viverá para sempre na minha memória.

De repente acordei .... Afinal tinha sido apenas um sonho. Mas que sonho!

(Levantei-me da cama, olhei pela janela, ainda noite, e uma estrela brilhou, como se ela me tivesse falado.

Terá sido mesmo um sonho?

Sonho ou não, não sei.

Mas que matei as saudades da minha querida avó.

Avó. Para sempre nós.)

**Joana Alves Dantas**

Nº8, 4º ano, M4A

EB de Estrada - Monção